

RACISMOS E ANTIRRACISMOS A PARTIR DO CLUBE CULTURAL FICA AHI PRA IR DIZENDO (PELOTAS, RS)

PATRCIA FERNANDES MATHIAS MORALES¹; ROSANE APARECIDA
RUBERT²;

¹ PPGANT/UFPEL, patriciamoralespel@gmail.com.br

² PPGANT/UFPEL, rosru@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, vou abordar alguns dados da minha pesquisa de mestrado que tem por título: “Racismos e antirracismos a partir do Clube Cultural Fica Ahi Pra Ir Dizendo (Pelotas, RS)”, e que vem sendo desenvolvida junto com o Projeto de Extensão, “Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense”. A pesquisa encontra-se na fase de sistematização dos dados.

A pesquisa está se detendo sobre as relações raciais no Brasil a partir de um contexto específico: o Clube Fica Ahi, situado na cidade de Pelotas, tema que vem sendo abordado por meio de narrativas de sujeitos pertencentes a diferentes gerações, e que tiveram distintas experiências e relações com aquele espaço. Neste sentido, busco através do Clube falar sobre as relações étnico-raciais na cidade de Pelotas, assim como os distintos projetos que, de forma sucessiva ou coexistente, buscaram repensar essas relações no âmbito da cidade e da nação.

Em todo o Brasil, mais ou menos até 1970, o associativismo negro tinha como principal objetivo a inserção da população negra na sociedade brasileira. Neste contexto integracionista alguns segmentos desse associativismo optam por abandonar valores, práticas culturais e formas de conduta relacionadas à negritude, porque eram vistas de forma pejorativa, como atraso ou incivilidade; assim se procedia em nome da conquista de uma condição de igualdade (DOMINGUES, 2013). O Fica Ahi, como outros clubes negros do período, também têm o objetivo de integração à sociedade pelotense. Para tal, critérios de pertencimento foram sendo forjados: por um longo tempo, foi notável como particularidade do Clube o caráter familiar, os arranjos de casamentos, assim como a importância da família extensa para ter acesso à condição de ficahiano(a).

Em Pelotas, as pesquisas relacionadas aos clubes negros vêm sendo desenvolvidas em uma abordagem histórica. Neste sentido, a minha pesquisa está voltada mais para a contemporaneidade, focando no Movimento Negro Contemporâneo, que surge no final da década de 1970, e trouxe uma nova discussão sobre o lugar da cultura afro-brasileira dentro do ativismo negro (CUNHA, 2000). A busca pela diminuição das desigualdades persistiu, mas agregou o respeito à diversidade como projeto político.

É neste novo contexto que busco explicar de que forma essas novas propostas foram inseridas dentro do Fica Ahi, e os diferentes impactos que teve sobre os associados. O Clube Fica Ahi, pelo que se pode observar por uma leitura rápida de alguns documentos das décadas de 1980 e 1990, foi atingido pelas novas proposições do movimento negro contemporâneo, por meio da criação de novas atividades que antes não existiam, como o Baile da Consciência Negra, que premiava com troféus as personalidades negras que haviam se destacado durante o ano em Pelotas e região. No início da década de 1990 havia um Grupo Jovem bem ativo, que por coincidência fez parte da única gestão do Clube que teve uma mulher como presidente. Pelas atas das reuniões e outros materiais, esse grupo propunha atividades para discutir “consciência negra” e trazia para o

espaço do Clube, manifestações culturais negras, como grupos de dança afro, palestras e propostas de reconstituição de memórias. O espaço do Fica Ahi, ao longo do tempo e apesar das dificuldades, continua aberto para a comunidade pelotense e região, sendo de grande importância pela memória de uma forma particular de autoafirmação de um determinado segmento negro na cidade.

2. METODOLOGIA

O meu envolvimento com o clube Fica Ahi, se deu em 2014, quando fui bolsista do Projeto de Extensão, estava na Graduação em Museologia, realizei meu trabalho de conclusão de curso sobre o Clube. Continuei como voluntária do projeto e hoje estou realizando a pesquisa de mestrado. Estou trabalhando com entrevistas abertas, até o momento já foram entrevistados sete associados ou ex-associados, algumas destas pessoas são bem influentes no movimento negro de Pelotas, outras não fazem parte. Também estou trabalhando com entrevistas que são do acervo do projeto de extensão, que foram realizadas com pessoas mais antigas do clube. Além disso, estou analisando Atas e documentos que compõem o acervo do Clube, especialmente os que se referem ao Grupo Jovem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas e dos documentos podemos observar a dimensão que gerou as discussões sobre consciência negra dentro do Fica Ahi. Nas listas de presença das Atas das reuniões do Grupo Jovem, encontramos pessoas que são referências no Movimento Negro de Pelotas, mas que atualmente participam de forma muito esporádica das atividades do Clube. Esses militantes fazem parte, em sua maioria, de uma geração mais jovem, que passou a fazer parte do Clube no final da década de 1970 – início da década de 1980. Alguns destes jovens faziam curso superior e, em razão também da relação com outras organizações da sociedade civil que emergiam nesse processo de redemocratização, tentavam forjar aberturas nas pautas de discussão e atividades do clube. Estas novas pautas geravam embates recorrentes entre o Grupo Jovem e a Diretoria.

Um dos entrevistados, representante da cultura afro da cidade, conseguiu se associar mesmo tendo vindo de família humilde, o que não lhe poupou experiências de constrangimento:

Primeiro entrevistado: Sérios, não davam um sorriso, eu me lembro que eu entrei lá e me sentei, porque foi ela que me levou, aí chegou um dia, aí leva toda a documentação, aquela coisa toda, aí tu tem que ser aprovado, aí te chamam. No caso, se fosse eu e a minha mãe, iam chamar eu, a minha mãe e o meu pai, porque tinha isso, **tu tinha que ter uma família, tinha que ter um sobrenome. Eu não tinha**, eu estava sendo levado pela minha amiga [...]. (Entrevista de 04/03/2019).

Para ser um fichahiano(a) tinha-se que fazer parte de determinadas redes familiares ou ser apadrinhado por uma delas, como são os casos que trago aqui. Dona Celestina Pinto e seus irmãos, tornaram-se fichahianos porque foram apadrinhados pela tia que era costureira e casada com um militar. Relata que a tia sempre dava um jeito para adequar as roupas aos padrões do Clube, para eles participarem de todos os eventos “[...] Um ano o vestido era branco, no outro ano já mandava tingir de azul e assim ia. Ela tirava alguma curva, algum detalhe, alguma coisa, mas era pra nós participar. Nós participamos sempre de tudo”. (Acervo do Projeto de Extensão, 2011).

Alguns pesquisadores vão associar esses padrões de comportamento do Fica Ahi aos processos de “branqueamento” (LONER, GILL, 2009), acusação que recai sobre o Clube até hoje, partindo inclusive, de ativistas negros. Fernanda Oliveira da Silva questiona essa ênfase nos processos de branqueamento relacionados ao Clube, argumentando que seus critérios rígidos tinham por objetivos a construção de uma identidade negra diferenciada em relação aos outros grupos negros da cidade: a de “negros elevados” (SILVA, 2016).

É nesse sentido que a inserção de outras simbologias, relacionadas a outras formas possíveis de ser negro, impactam um segmento mais tradicional do Clube. Outra pessoa entrevistada, também integrante ativa do Movimento Negro da cidade, traz o seguinte relato a respeito:

Segunda Entrevistada: Ah sim, eu lembro que a gente tinha uma dança que também tenho foto lá em casa, que **foi a primeira dança** que a [...] resolveu fazer **com relação à questão religiosa**. E aí nós entrávamos com uns aguidá de barro, lindos aguidás de barro, nós colocamos acho que umas frutas, umas coisas e uma vela neles. Gente, aquilo foi um horror! [risos] Porque as pessoas... Por isso eu digo, assim, como diziam pra nós quando a gente começou a dançar: ‘olha os macacos do Clube’, quando a gente começou a dançar e pular. **Quando a gente entrou com aquelas coisas, o que a gente ouviu! ‘oh, agora vão trazer macumba pro Clube, agora não sei o que...’**. Então, eram coisas, assim, que era um absurdo de ouvir e que muitas das vezes tu dizias assim: ‘pô, dentro do Clube que tu faz parte, as pessoas tão encrenqueiras! Não tem o porquê’. (Entrevista de 10/01/2019)

Portanto, o tema da religião dentro do Clube, é vista por parte de alguns associados como tabu. Outra pessoa entrevistada, que tem uma grande influência nas manifestações afro-brasileiras da cidade, traz o seguinte relato:

Terceiro Entrevistado: Pois então, **a minha mãe sempre teve o Centro de Umbanda**, e nunca, e a **ordem em casa era: não se fala sobre isso lá no Fica Ahi**. Olha que interessante, e **as pessoas sabiam, todos sabiam alguns iam inclusive, mas não podia conversar**. Então era uma coisa que me **chamava atenção, como é que num clube de negro, tu não pode conversar sobre a tua religião...** (Entrevista de 02/08/2019).

Às atividades relacionadas à discussão de “consciência negra”, soma-se a inserção de atividades sociais que geravam confrontos. Um Informativo do Grupo Jovem, disponível no acervo de documentos e publicado em outubro de 1993, noticia a realização de uma “Boite”, que teria transcorrido no dia 01 daquele mês, entre as 24hs e as 5hs. As Atas do livro de reuniões do Grupo Jovem dão a entender que esse foi um dos embates travados com a diretoria. Pois até então, só entravam nas festividades do Clube os associados. E integrantes do Grupo Jovem queriam que as “boites” fossem abertas também para não associados.

Estes breves exemplos dão uma ideia do quanto o Clube, neste momento, estava passando pelo um processo que Stuart Hall vai chamar do confronto entre distintas experiências que estão por trás das diversas formas organizacionais e expressivas negras, pois remetem para diferentes discursos sobre o que é e como ser negro. (HALL, 2003, p. 342).

4. CONCLUSÕES

Alguns dados da pesquisa, aqui expostos, indicam que houve, por parte dos associados antigos do Clube Fica Ahi, um estranhamento com propostas

advindas de outras formas de se pensar a inserção do negro na sociedade, nos finais da década de 1970. Em um primeiro momento, houve, inclusive, tensões entre uma ala do movimento negro mais preocupado com consciência racial e a ala chamada de “culturalista”. Aos poucos, porém, a valorização das manifestações negras foram sendo consideradas uma forma privilegiada para alcançar o primeiro objetivo – a formação de uma consciência racial.

Neste contexto, surgiu em Santa Maria (RS), no ano de 2006, o Movimento Clubista, formado por um pequeno grupo de militantes e intelectuais negros, como a própria Giane Vargas Escobar e Oliveira Silveira. O movimento se articulou para ajudar os clubes sociais negros que estavam perdendo suas dependências físicas em razão de dívidas e expropriações, no sentido de reconhecê-los como patrimônio cultural. Nesse sentido, buscava-se sensibilizar e responsabilizar o Estado brasileiro pela salvaguarda e preservação desses espaços.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Olívia Gomes da. Depois da festa: movimentos negros e “políticas de identidade” no Brasil. In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**: novas leituras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

DOMINGUES, Petrônio. Como se fosse bumerange: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 81, 2013.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros**: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. 221f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

LONER, Beatriz Ana, GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 35, n. 1, p.145-162. Porto Alegre, 2009.

PEREIRA, Amílcar Araújo. A constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil: primeiras organizações e estratégias (1971-1995). In: **“O Mundo Negro”**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). Universidade Federal Fluminense – Programa de Pós-Graduação em História (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Além da sociabilidade: identidade e racialização nos clubes sociais negros de Pelotas no pós-abolição (primeira metade do século XX). In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (orgs.). **Os clubes sociais negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Ed. FURG, 2016. p. 45-75.